

acj

Novembro 2001  
Nº 16  
€3,24 ■ 650\$00

uma edição

**CASA**  
CLAUDIA

# Arquitectura & Construção

## concreta

34 novidades no universo da construção

## perfil

Daciano da Costa  
meio século  
de design  
em português

## quanto custa

isolar a casa  
caso a caso

## cozinhas

3 soluções  
para renovar  
pavimentos  
e revestimentos

- ✓ escadas
- ✓ janelas
- ✓ isolamento
- ✓ materiais

águas-furtadas  
e sótãos



# Daciano da Costa

ele está no meio de nós

Desenhador de objectos do quotidiano, das secretárias às cadeiras onde várias gerações de portugueses se têm sentado, nos seus escritórios, nas suas casas, nos teatros, cinemas, aeroportos, restaurantes, hotéis, cabeleireiros ou consultórios médicos, Daciano da Costa é um investigador da forma, da cultura material e da técnica projectual. Pintor de formação, arquitecto-designer e professor na prática profissional, assinou, com outros da sua geração, a certidão de nascimento do design industrial em Portugal.

Texto de Ana Jorge ([ajorge@acj.pt](mailto:ajorge@acj.pt))  
Fotografias cedidas pelo atelier de Daciano da Costa





Universidade de Lisboa, gabinete do Reitor

A guerra é sempre a mesma, a da sobrevivência, a da resolução dos problemas de uso e fruição dos objectos, sejam eles um primitivo utensílio em pedra lascada, um machado de bronze ou um artefacto mais ou menos evoluído. Na Era das pinturas rupestres, tal como na Era tecnológica, é o Homem que deve ser o protagonista do espaço, o obrador de soluções e não o assimilador do desperdício. Por isso, as aulas de Daciano Henrique Monteiro da Costa, 71 anos, catedrático jubilado da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, onde leccionou e ainda coordena a licenciatura em Arquitectura do Design, começam sempre por um exercício de sobrevivência. Nele, a ilha de Robison Crusoe, tal como um hipotético *Day After*, prefiguram a superação de obstáculos, a estimulação da capacidade criativa e uma conduta que deve privilegiar a concepção

de produtos possíveis e indispensáveis, que ensinam o Homem a viver melhor, independentemente do fenómeno moda. A sobrevivência assume múltiplos aspectos no contexto conscientemente social, económico e até político em que o design se move. Um deles é a sobrevivência do Outro. Quando, no princípio da década de 60, depois de ter passado pelo curso de pintura da António Arroio e da ESBAL (com 19 valores na tese final) e pelo atelier de arquitectura/pintura de Frederico George (desde os 17 anos) iniciou, a convite do empresário Fernando Seixas – “um capitalista progressista, culto, que se interessava pela arte” – a experiência pioneira de, enquanto designer consultor e projectista, fazer da Metalúrgica da Longra uma empresa-design, estava também a preservar postos de trabalho.

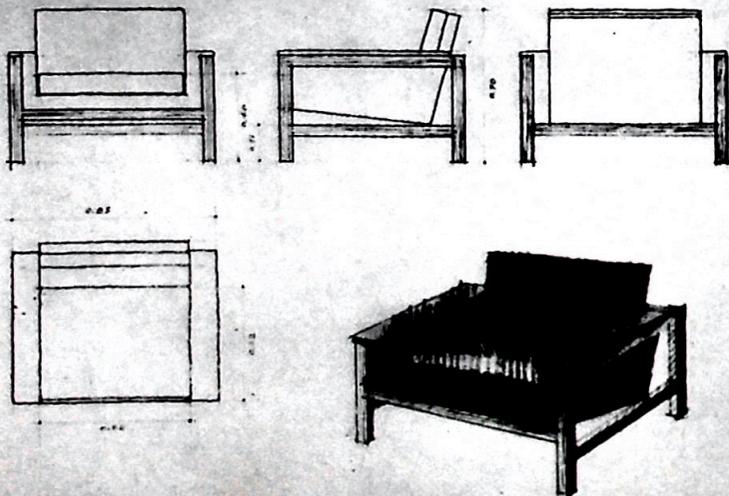
As encomendas para equipamento hospitalar, o segmento de mercado até então explorado pela empresa de Felgueiras,

escasseavam, pelo que houve necessidade de formular novas orientações. Fernando Seixas começou por desafiar Frederico George a elaborar o plano de reestruturação da empresa. A proposta viria a estender-se a Daciano na sequência do programa de mobiliário e equipamentos desenvolvido com Frederico George para a residência particular do industrial

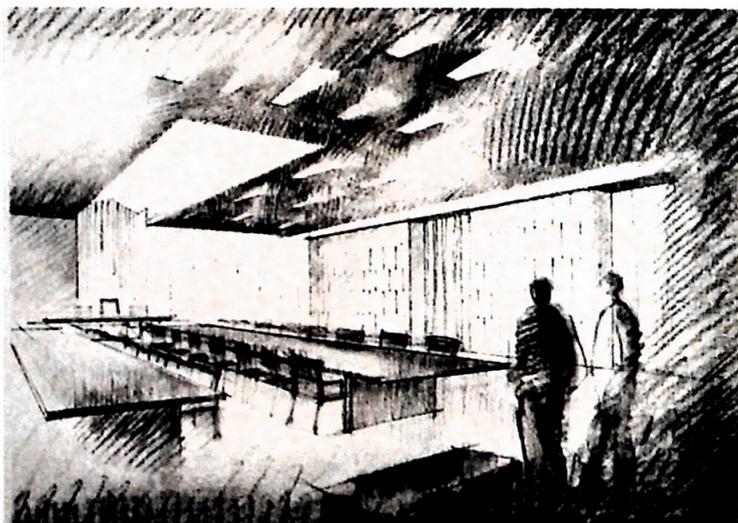
*Quando, há milhares de anos, entrámos numa caverna para desenhar uma vaca no tecto com um osso chamuscado e afeiçoámos a pedra para poder cortar e aplanámos o chão para poder ter um abrigo, éramos os mesmos. Éramos arquitectos, feiticeiros, pintores, designers.*

O fabrico de mobiliário de escritório, de que a empresa já possuía alguma experiência, ganhou terreno com a acção, preponderante, de Daciano da Costa à frente do então denominado Gabinete de Estética Industrial da Longra. A série *Prestígio* (1962), a primeira a ser desenhada, tornou-se, tal como a sucessora *Cortez*, um dos ícones do design industrial do nosso País. Enorme sucesso de mercado, não só correspondeu à capacidade instalada na fábrica (através da utilização da estrutura metálica aplicada no mobiliário hospitalar), como despertou o sector para uma “modernidade formal até então inexistente entre nós” (Jorge Spencer e João Paulo Martins).

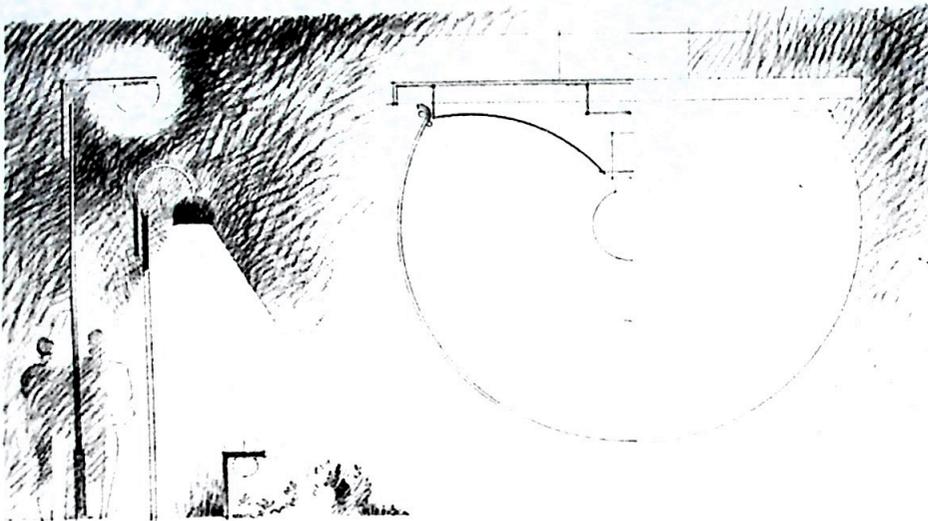
“Como o mercado hospitalar estava no fim, houve que, grosso modo, pensar em alguma coisa para aquela gente ter trabalho. O carácter do Fernando Seixas não lhe permitia equacionar o despedimento de uma secção inteira de trabalhadores. Até porque, naquela altura, as leis laborais de protecção ao trabalhador não eram tão más quanto se julga. Não era possível fazer um despedimento colectivo sem a assinatura de dois ministros, o das Corporações e o da Economia, e respectiva aprovação em Conselho de Ministros. A peça que eu desenhei com mais sucesso em ▶



U.L., banco e poltronas da Reitoria



U.L., sala de reuniões do Senado



Martim Moniz, iluminação de ambiente. Não desenvolvido

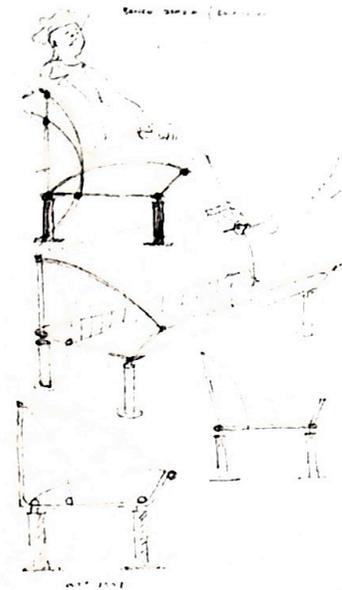
toda a minha vida é um obscuro móvel, com estrutura metálica em varão e assento com encosto, uma célebre cadeira *Cortez*, que correu o país. Era um bom produto, barato e foi uma surpresa. Mais, foi preciso aumentar o número de pessoas daquela oficina e comprar outra máquina”, lembra Daciano.

A relação com a Longra persistiu, durante três décadas, numa produção efervescente e contínua de equipamento. Muitas outras séries de mobiliário para escritório – *TL*, *Dji*, *Mitnova*, *Logos*, *Metropólis*, *Práxis* – habitação – *Habitat 70* – além de protótipos e ensaios, alguns deles não executados, de itens de mobiliário para espaços públicos foram produzidos pela Longra. O Cinema Castil, Teatro Villaret, o Cine-Teatro e o cinema Navio Azul, no Funchal, são alguns exemplos. Porém, a crise no sector metalúrgico foi fatal

para a empresa, que entraria em declínio até ser encerrada, no entender de Daciano, “pela política impiedosa do cavaquismo, apostada em acabar com o que não era rentável”. Desse período guarda recordações “de grande violência e desgosto” associados à “incultura prevalecente nalguns trabalhadores” e ao desespero de não terem os seus ordenados a datas certas.

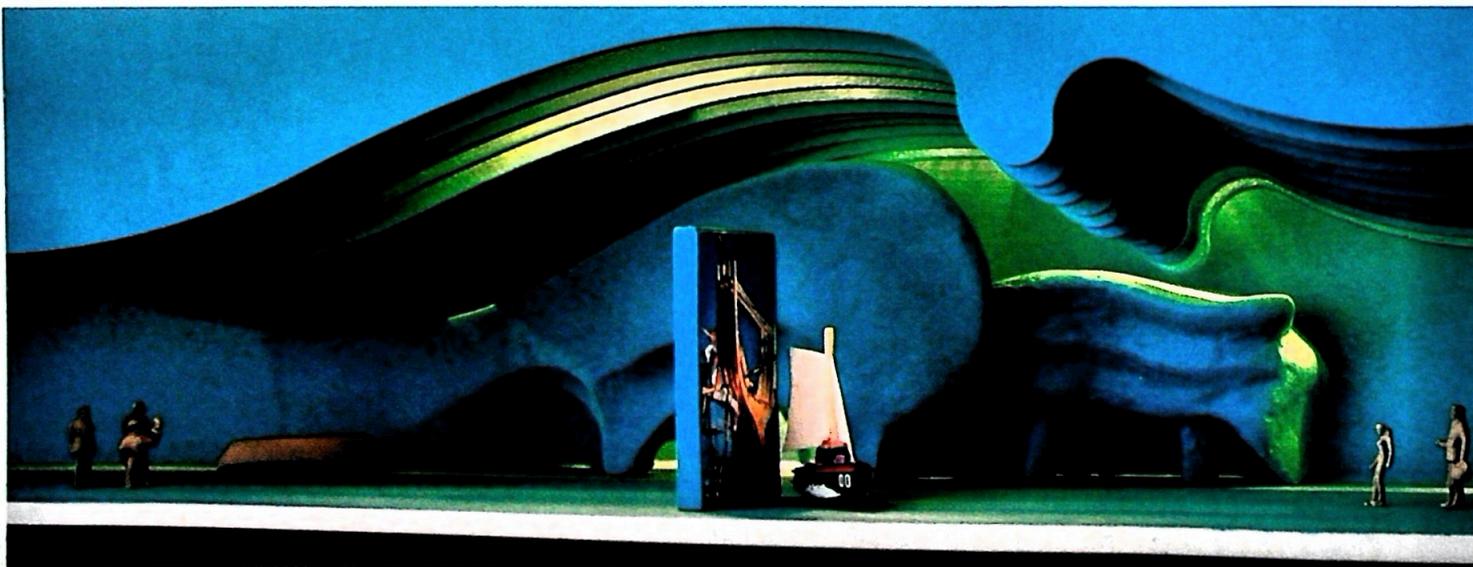
*O designer deve desocultar e valorizar o técnico/artesão, chamando-o a participar no projecto, se quiser valorizar o seu produto final, que deve ser o mediano entre todos os produtores e consumidores*

Apesar de tudo, os anos de glória e a pujança da Metalúrgica associados ao design, não encontram, na perspectiva de Daciano, paralelo no actual panorama empresarial.

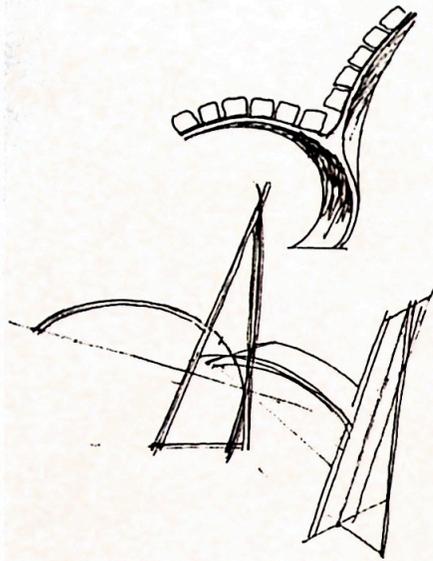


Banco *Fradique*, esboços

“Não reconheço a existência de uma empresa do género hoje em dia, por vários motivos. Primeiro, porque não foi apenas por mérito da Longra, nem da sua administração, nem do designer Daciano da Costa. Houve uma conjugação de factores, que não vejo agora reunidos. Anunciava-se a nossa entrada para a EFTA, com todo o surto de novas empresas, produtos, exposições no exterior, que não se processou com a entrada para a União Europeia. Houve uma grande actividade do Fundo de Fomento de Exportação e uma grande esperança de renovar o País. Por outro lado, havia um empresário culto, que tinha a confiança política do momento (Fernando Seixas era presidente da Confederação das Indústrias). E o que falta, acima de tudo, ao empresariado português é cultura. Quando aquele indivíduo do Norte acha que tem ▶



Maqueta de apresentação, não desenvolvida, do espaço “Sulcar os Oceanos”, Expo 98



Estudos para bancos públicos

um programa de Governo e quer despedir 150 mil, isso é uma macacada, uma incultura. Esse capitalista é tosco. Neste momento estamos numa fase muito má, há apenas uns arremessos em algumas empresas, como a Altamira ou a Larus.”

Os “esperançosos” anos 60 foram fulgurantes para Daciano da Costa. Em paralelo à intensa actividade encetada na Longra, emancipa-se, criando atelier próprio, em Belém, junto ao de Lagoa Henriques e António Duarte. O atelier haveria de funcionar um pouco à imagem do de Frederico George – que considera seu mestre – estabelecendo uma intensa relação de trabalho em equipa. Luís Ralha, Rogério Ribeiro, Jorge Vieira, Cristina Reis, Eduardo Afonso Dias, José Brandão, João Segurado, Oterelo dos Santos, são alguns dos colaboradores da época. Logo após ter terminado o curso de pintura é convidado para assistente da ESBAL, nunca tendo tomado posse

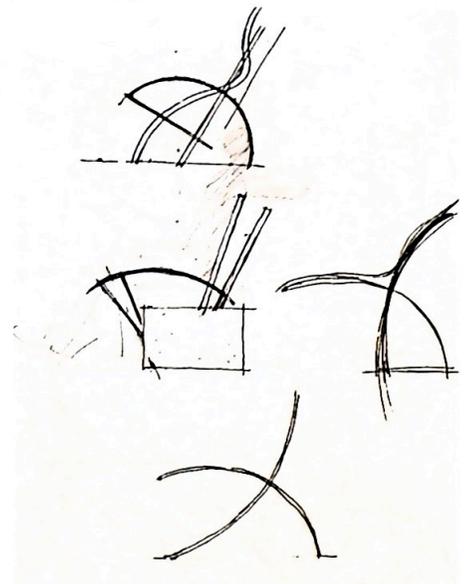
por interposição da PIDE, num episódio que considera “insignificante” face àquilo que as pessoas da sua geração sofreram. Questionado em relação ao seu posicionamento político, afirma nunca ter tido filiação partidária e que a sua profissão “era uma militância tal” que o afastava de outra, puramente política.

*Convém ao consumidor rodear-se, sem ansiedade, daquilo que precisa para condicionar o seu ambiente ou o seu trabalho. Não é o número de objectos de que se apoderou que o classifica socialmente*

“Há quem diga que eu sou de esquerda e se ser de esquerda é estar do lado que eu julgo justo, então sou. É preciso fazer um exercício para se saber de que lado é que eu estava na última Grande Guerra, na guerra de Espanha, na crise de Cuba?” Pelo menos, no que toca a eleições presidenciais, sabe-se que Daciano se posicionou ao lado de Jorge Sampaio, participando nas exposições dos artistas que têm apoiado as suas candidaturas.

A experiência pedagógica acabou por concretizar-se no seu atelier, com a cumplicidade de Fernando Seixas, que dava apoio material à iniciativa. Frederico George, Lagoa Henriques, Roberto Araújo, eram os professores. De resto, Daciano viria ainda a leccionar na SNBA (1967-1968), na FRESS (1976-1077), na ESBAL (1977-86); na FA-UTL, primeiro como assistente, depois assumindo a orientação pedagógica da Licenciatura em Arquitectura do Design, na criação da qual se empenhou e, ainda, na Universidade Lusitana, onde cooperou na fundação da licenciatura em Arquitectura. Pertence, ainda, no pós 25 de Abril, à Comissão encarregue de elaborar o Plano Nacional de Educação Artística, empenhando-se na fundação da Associação Portuguesa de Designers.

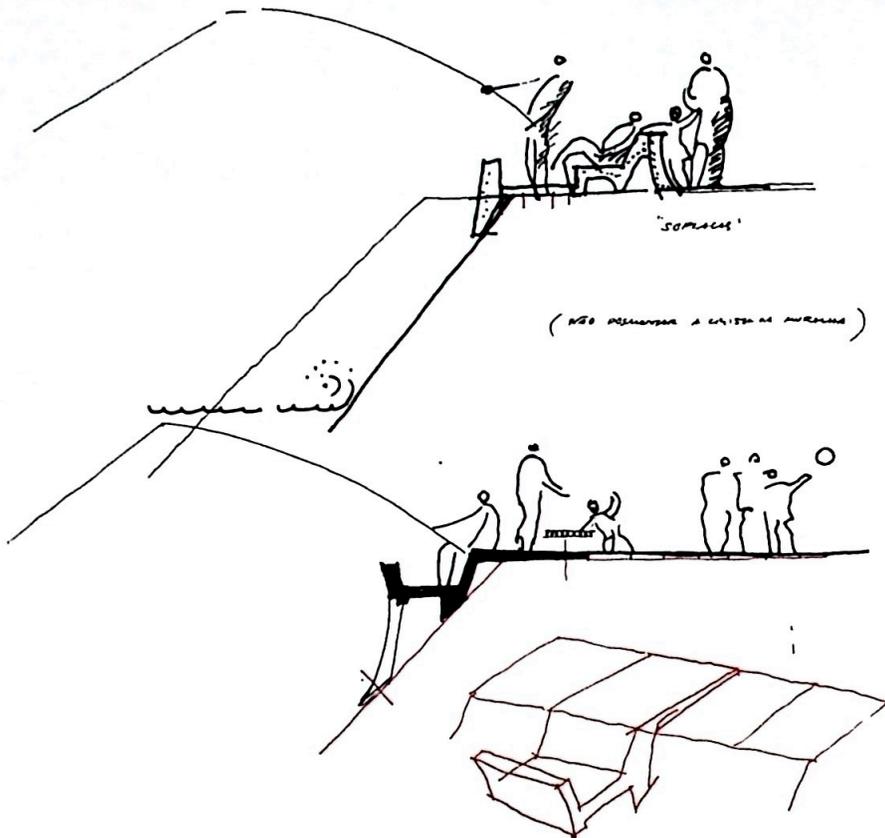
O arranque da vertente didáctica no atelier coincide com o primeiro grande projecto de arquitectura de interiores, equipamento



e mobiliário. No ano em que nasce a primeira das suas cinco filhas (1960), Pardal Monteiro confia-lhe a Reitoria e a Aula Magna da Universidade de Lisboa. Desafio ainda maior foi a arquitectura de interiores – englobando cena, equipamento e grafismos – do Teatro Villaret (1964-65), numa intervenção inédita relativamente ao que se fazia, até então, no domínio das salas de espectáculo. A localização, na parte inferior de um prédio, e o baixo pé-direito foram contingências ultrapassadas com soluções arrojadas. “O Villaret foi o princípio da minha intervenção num certo tipo de projectos que depois se foram repetindo. No Coliseu de Lisboa tive uma intervenção mais discreta, apenas ao nível de mobiliário e apoio à arquitectura. Foi um trabalho que acarretou algumas dificuldades e conflitos com os técnicos suíços de iluminação de cena que, no meu entender, assassinarão parcialmente aquele edifício.” ►



Desenho do atelier em Santa Catarina, vista para o jardim



**Doca do Bom Sucesso, bordadura da muralha. Não executado**

*O que é uma ideia luminosa e extraordinária nesta profissão, tendo em conta toda a metodologia do projecto? Se calhar é um OVNI.*

A Biblioteca Nacional de Lisboa, o Casino Estoril e a Fundação Calouste Gulbenkian foram outras obras de vulto dos anos 60. Naquelas, tal como na Aula Magna e no LNEC, a complexidade escultórica dos tectos é imponente. Já na Gulbenkian (1966-69), o equipamento e mobiliário da biblioteca,

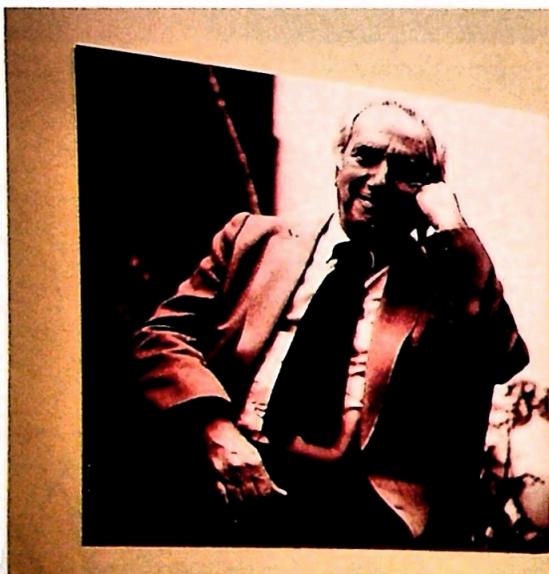
cafeteria, átrio inferior do museu, salas da direcção, administração, foyer e bar do grande auditório é mais austero, reflectindo a postura funcionalista do edifício – Prémio Valmor – projectado por Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d'Atouguia. À Gulbenkian, um caso exemplar de congregação de uma equipa pluridisciplinar, voltaria a ser chamado, 30 anos mais tarde, para repensar a remodelação da recepção e zonas de público, sala de exposições temporárias e sala de

jantar da administração, numa intervenção ainda em curso. “De todos os outros arquitectos e designers convidados para o projecto original, com excepção do arquitecto Atouguia, eu sou o único sobrevivente. Foi o voltar aos próprios passos, num grande exercício de crítica e responsabilidade, que pretende ir ao encontro dos novos padrões de uso e hábitos do público na fruição daquele espaço.” A requalificação da Praça da Figueira, outro projecto em curso, é igualmente marcante na sua vertente plástica e de design urbano. Daciano propõe o reposicionamento da estatua de D. João I em frente à Rua da Prata, “transformando-a no ponto focal do percurso ascendente que parte da Praça do Comércio” e o revestimento dos edifícios com azulejos azuis e brancos. A imagem urbana da Alta de Lisboa, do Centro Histórico de Beja e um hotel em Ponta Delgada são outros projectos que ocupam o atelier, presentemente alentado com o novo fôlego, imprimido pela filha, Ana Monteiro da Costa, João Paulo Martins, Jorge Spencer, entre outros. No seu íntimo persiste, porém, a “ilusão” de fazer um “museu de coisas”, inspirado num dos seus museus preferidos, o do Centro Cultural Raiano, em Idanha-a-Nova.

*Nunca considerei a questão do tempo livre. Uma das coisas mais graves que há na vida das pessoas é a separação do trabalho do lazer. Se o trabalho não for uma forma de lazer as pessoas são infelizes. Às vezes vou para férias no atelier. Quem tem um ofício destes tem essa sorte.* ■

#### **Bibliografia**

Daciano da Costa, Designer, catálogo, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001  
 Design e mal-estar, Daciano da Costa, ed. Centro Português de Design, 1998  
 Croquis de Viagem, Daciano da Costa, ed. Livros Horizonte, 1994.

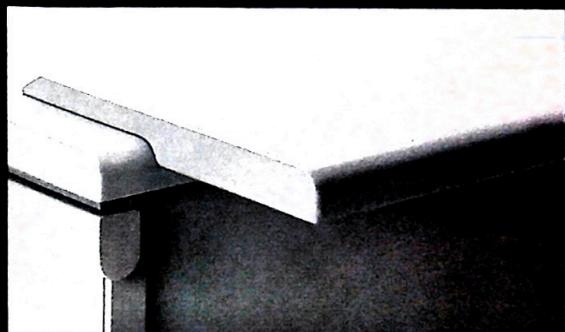


### **o tributo da Gulbenkian**

Organizada em torno de seis temas – *O Efémero e o Teatral; O Design como Detalhe da Arquitectura; O Grafismo como Elemento da Arquitectura; O Design como Fragmento da Cidade; Objectos Domésticos e Mobiliário para Trabalho* – a retrospectiva Daciano da Costa, designer, que teve lugar entre 15 de Maio e 24 de Julho últimos, na Sala de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian, pretendeu ser uma homenagem à longa carreira, ainda em construção, “de um dos mais importantes e significativos designers portugueses”. Na inauguração, Daciano da Costa foi condecorado pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique. A Daciano da Costa fora já atribuído, em 1995, o grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito. A mostra foi comissariada pelo arquitecto João Paulo Martins, aluno de Daciano na Faculdade de Arquitectura e seu colaborador de muitos anos.



Detalhe do protótipo de móvel para o Crowne Plaza Resort



Pormenor secretária Logos



Linha Dona



Tecto da sala de leitura da Biblioteca Nacional

## a dimensão afectiva dos materiais

**Madeira.** Tenho, por muitas razões, uma relação afectiva com a madeira. O manuseio de objectos de madeira é uma prática ancestral. É algo que tem a ver com as sensações tácteis e também com outras dimensões sensoriais do espaço povoado por certos objectos. No caso dos objectos de madeira, essas sensações são-nos transmitidas de forma diferente. Por isso importa, a meu ver, considerar a correcção acústica dos ambientes e o modo como nos são devolvidas as palavras e os ruídos. Ao introduzir pavimentos de madeira nesta remodelação da Gulbenkian, não procurei apenas introduzir o material madeira no pavimento, quis introduzir o *tac-tac* dos passos naquele espaço. Os passos ganham dimensão. Medem-se pela audição e a madeira tem nisso uma importância extraordinária. Cheguei a ter lições de marcenaria e faço o possível por conservar o que sobra dos grandes marceneiros deste País. O mobiliário para a Fundação foi feito por um grande marceneiro, o Sousa Braga, que os fez como eu queria. Podia tê-los mandado vir da América, da Noruega ou da Suécia, ou sei lá de onde. Pagam-me o mesmo, quer eu desenhe, quer eu aponte o dedo num catálogo.

**Metal.** Apesar da minha relação com a madeira, acabo por ter um compromisso com o metal. É um material que aprendi a dominar: generoso, barato e fácil de trabalhar. Fazer algo em madeira exige sempre um maior esforço de mão-de-obra.

**Plástico.** No início, tive uma atitude aristocrática e elitista em relação ao plástico, mas, a dada altura, mudei de opinião. No meu tempo não havia plástico, tive poucos brinquedos e as memórias que mantenho da cozinha de minha casa são tristes, pontuadas a alguidares de barro. A massificação do plástico trouxe às casas alguma cor e alegria. E agora há brinquedos espantosos, toda a gente tem brinquedos. Eu tive um automóvel bestial, uma camioneta com um chofer e tudo, feitos de lata.

**Esmalte.** O esmalte surge no meu percurso ligado de certo modo a uma vontade utópica: melhorar as condições de vida das donas de casa de há 30 anos. A linha *Dona*, de utensílios de cozinha, que não chegou a ser produzida, tinha dois objectivos: foi desenhada para ser empilhada, de modo a economizar espaço nas cozinhas, e tentava introduzir cor na vida das donas de casa. Na época só existiam uns painéis cinzentos, sarapintados, com umas asas azul-escuras ou de uma única cor. Uma coisa medonha. Por outro lado, e isso não foi inovação minha, podia-se cozinhar e levar à mesa o mesmo objecto. A comida podia ser cozinhada nuns tachinhos com ar pachola e podiam servir de recipiente para outras coisas.

**Mármore.** O mármore é um material mais reaccionário: não há máquinas que permitam trabalhá-lo como sucede com a madeira ou o metal.

**Cortiça.** Gosto da cortiça mas usei-a sobretudo na construção. É um material que, há muitos anos, espera que seja feito um esforço – que não pode só ser feito pelos designers, senão desata-se a fazer em cortiça objectos que não têm de ser de cortiça e o pior que há é o material contrariar a forma e o uso – no sentido do reconhecimento das suas potencialidades. A cortiça o que deve ser de cortiça. É um material que se suja muito e conserva-se mal. Tem algumas qualidades, mas isso é algo que já entra no domínio da engenharia e da química. Tenho um certo sentimento de culpa por não a ter explorado mais e tenho pelos objectos de cortiça espontâneos – os dos pastores, por exemplo – uma grande admiração.